

O MAIOR CONFLITO ENTRE ISRAEL E GAZA DESDE 2014

*Tradução e adaptação de Albert Caballé Marimón**



Unidade de artilharia israelense dispara contra alvos na Faixa de Gaza (Foto: AP).

Semanas de violentos confrontos em Jerusalém Oriental iniciaram os combates mais pesados em vários anos entre Israel e militantes palestinos na Faixa de Gaza. Ambos os lados parecem estar se preparando para uma luta mais prolongada. Neste artigo, alguns dos recentes fatores que desencadearam a escalada.

PROTESTOS DO RAMADÃ, DESPEJOS EM JERUSALÉM

Desde o início do mês sagrado muçulmano do Ramadã, em meados de abril, os palestinos enfrentam-se todas as noites com a polícia israelense em Jerusalém Oriental, que coloca barreiras para impedir as reuniões noturnas no portão de Damasco, na Cidade Velha.

Os palestinos veem as barreiras como uma restrição à sua liberdade de reunião, enquanto a polícia diz que estava lá para manter a ordem. As tensões também estão altas devido a um processo judicial de longa data mediante o qual várias famílias palestinas podem ser despejadas de suas casas para dar lugar a colonos israelenses que, apoiados pela decisão de um tribunal israelense, querem se mudar.

A violência rapidamente se espalhou para o complexo da Cidade Velha que abriga a mesquita de Al-Aqsa, o terceiro santuário mais sagrado do Islã e o local mais sensível no conflito israelense-palestino. Centenas de palestinos ficaram feridos em confrontos com a polícia no complexo e nos arredores da Cidade Velha nos últimos dias.

“LINHA VERMELHA”

Os governantes islâmicos de Gaza, o Hamas e outros grupos no enclave advertiram repetidamente a Israel que os combates em Jerusalém eram uma “linha vermelha” e prometeram disparar foguetes se a polícia israelense não parasse com seus ataques na área do complexo de Al-Aqsa.

Enquanto Israel comemorava a captura de Jerusalém Oriental na guerra de 1967 com uma passeata na segunda-feira, o Hamas e o grupo Jihad Islâmica dispararam barragens de foguetes contra Jerusalém e seus subúrbios. O líder do Hamas, Ismail Haniyeh, afirmou que Israel “acendeu o fogo em Jerusalém e Al-Aqsa e agora as chamas se estenderam a Gaza, portanto, é o responsável pelas consequências”.

Em poucas horas, aeronaves de combate israelenses começaram a bombardear alvos em Gaza, com os militares israelenses dizendo que vítimas civis “não podem ser descartadas” no densamente povoado território costeiro. Desde então, os combates aumentaram dramaticamente com o Hamas e outros grupos disparando centenas de foguetes contra Tel Aviv, e as Forças de Defesa de Israel realizando centenas de ataques aéreos em Gaza.

A violência também estourou em cidades mistas de judeus e árabes em Israel, com membros da minoria árabe de 21% que vivem no país irritados com os despejos em Jerusalém e a violência em Gaza.

INTERESSES DO HAMAS, POLÍTICA ISRAELENSE

As trocas aéreas mais intensas entre Israel e o Hamas desde a guerra de Gaza em 2014 – a Operação Protective Edge (Margem Protetora) –, geraram preocupação internacional de que a situação poderia sair de controle. Mas o Hamas também pareceu ver essa escalada como uma boa oportunidade de marginalizar o presidente palestino Mahmoud Abbas e se apresentar como o guardião dos palestinos em Jerusalém.

Desde a guerra de 2014, o Hamas acumulou cerca de 7.000 foguetes, 300 mísseis antitanque e 100 antiaéreos, e a Jihad Islâmica acumulou 6.000 foguetes, disse um comandante militar israelense em uma entrevista coletiva em fevereiro. Os grupos não confirmaram nem negaram as estimativas israelenses.

Alguns comentaristas de Israel disseram que o Hamas também pode considerar este momento como oportuno por Israel estar em uma tensão política, já que os oponentes do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu tentam formar um governo que o destituirá após uma eleição inconclusiva de 23 de março.

Outros comentaristas disseram que Netanyahu parecia distraído em meio a acusações de corrupção, que ele nega, o que teria permitido que as tensões aumentassem em Jerusalém e se propagassem para Gaza. Durante anos, Gaza teve acesso limitado ao mundo exterior devido a um bloqueio liderado por Israel e apoiado pelo Egito, em que ambos os países citavam preocupações de segurança em relação ao Hamas.

JERUSALÉM NO CENTRO DO CONFLITO

Política, história e religião colocam Jerusalém no centro do conflito israelense-palestino mais amplo. No coração da Cidade Velha de Jerusalém está a colina conhecida pelos judeus em todo o mundo como Monte do Templo – o local mais sagrado do Judaísmo – e pelos muçulmanos como O Nobre Santuário. Era o lar dos templos judeus da antiguidade. Dois lugares sagrados muçulmanos agora estão lá, o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa.

Os cristãos também reverenciam a cidade como o lugar onde acreditam que Jesus pregou, morreu e ressuscitou. Israel vê toda a Jerusalém como sua capital eterna e indivisível, enquanto os palestinos querem a seção oriental como a capital de um futuro estado. A anexação de Jerusalém Oriental por Israel não é reconhecida internacionalmente.

Do original publicado no SCMP.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Terra e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
